

ICONOFAGIA E PSICANÁLISE: A IMAGEM COMO SINTOMA DA CULTURA DIGITAL.

ICONOPHAGY AND PSYCHOANALYSIS: IMAGE AS SYMPTOM IN DIGITAL CULTURE

¹MATIAZI, Gabriel Mastrodomenico; ²KOBORI, Eduardo Toshio
^{1 e 2}Departamento de Psicologia – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

As imagens são essenciais para a memória e a cultura, funcionando como símbolos que perduram além das palavras. Elas evocam emoções, experiências e medos, especialmente o da morte, garantindo a continuidade dos significados através do tempo. A evolução da mídia transformou a relação humana com as imagens, passando da sua criação simbólica para um consumo excessivo e superficial, um fenômeno descrito como "iconofagia". Com a digitalização e a ascensão das redes sociais, imagens perderam profundidade, tornando-se ferramentas de validação e consumo rápido, afetando a percepção da realidade e até mesmo o tratamento da saúde mental. Esse cenário sugere um distanciamento crescente da experiência corporal e um aprisionamento em representações visuais, resultando em uma crise de autenticidade e significado. Este estudo busca investigar as relações existentes entre a iconofagia proposta por Baitello Junior e a Psicanálise freudiana, contextualizando-as e possibilitando novas intervenções na contemporaneidade.

Palavras-chave: pathosformel; iconofagia; psicanálise.

ABSTRACT

Images are essential for memory and culture, functioning as symbols that endure beyond words. They evoke emotions, experiences, and fears—especially the fear of death—ensuring the continuity of meanings over time. The evolution of media has transformed humanity's relationship with images, shifting from symbolic creation to excessive and superficial consumption, a phenomenon described as "iconophagy." With digitalization and the rise of social media, images have lost depth, becoming tools for validation and rapid consumption, influencing perceptions of reality and even mental health treatment. This scenario suggests a growing detachment from bodily experience and an entrapment in visual representations, leading to a crisis of authenticity and meaning. This study aims to investigate the connections between Baitello's concept of iconophagy and Freudian psychoanalysis, contextualizing them and enabling new contemporary interventions.

Keywords: pathosformel; iconophagy; psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Quando nos deparamos com a representação de uma imagem, somos orientados a percorrer os arquivos da nossa memória, das lembranças de outros tempos que podem ou não ter sido vividos, mas que faz parte de nós devido à cultura na qual estamos inseridos. A cultura não se constrói por outro meio senão pelas imagens, pois a memória só é possível se elas existirem, como uma coleção de discursos que nos coloca em um espaço e tempo, entre recordações e esquecimentos.

De acordo com Manguel (2001), as imagens narram através de uma representação simbólica, direta e indiretamente ligada à percepção do mundo exterior, é uma expressão visual, enquanto imagem, nos informa silenciosamente,

contando uma história que corre dentro de nós. Toda a nossa existência é cercada por imagens (visuais, auditivas, táteis e gustativas), que se desdobram e se multiplicam, envolvendo-nos para carregar significados constantes. Todo discurso por imagem parte de um indivíduo e atinge sua potência simbólica ao alcançar o coletivo, tornando-se parte integrante e ajustando-se à realidade de vários olhares simultâneos, constituindo-se. Nas palavras do autor:

As imagens que formam nosso mundo são simbólicas e talvez sejam apenas vazios que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. As imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (Manguel, 2001, p. 21).

Podemos afirmar que os “símbolos vivem mais que palavras”, em referência ao trabalho *Memórias de um In-trangeiro*, de Harry Pross (1993), citado por Baitello Junior (2014), em que o próprio autor observa, no ano de 1993, a bandeira do Império Alemão sendo resgatada, aberta e colocada ao vento por jovens nascidos na década de 1970, indicando que o símbolo perdurou graças à ritualização do resgate de seu suporte (a bandeira), o corpo que permitiu superar a morte. Gebauer e Wulf (2004) trazem o pressuposto de que os rituais estão presentes ao longo de nossas vidas e marcam as sínteses sociais no *habitus* temporal, resultante da elaboração de grandes complexos de vivências individuais e coletivas em diferentes contextos, como classe social, trabalho, ócio e prazer estético. Assim, ao ritualizar, o homem se insere em um tempo que lhe permite se refazer e desafiar o próprio tempo.

Assim, imagens são, por natureza, fóbicas. Evocam e atualizam o medo primordial da morte, uma vez que elas originalmente foram feitas para vencer a morte. O medo da morte é que nos conduz a emprestar a vida e a longa vida dos símbolos. Pois é em sua longa vida que prorrogamos e prolongamos a nossa própria vida, simbolicamente, as imagens não apenas evocam arqueologicamente as representações da finitude, como também trazem à tona figuras associadas ao obscuro universo da sombra, resgatando suas personagens e sua arqueologia (Baitello, 2014, p.24).

As imagens são vínculos e associações complexas e contraditórias, às quais atribuímos corpos como formas de representar a angústia do espaço vazio, preenchendo-o. São reflexos de nossa própria cultura histórica de sobrevivência ao esquecimento. Sempre estiveram presentes, dando sobrevida ao símbolo em desenhos, nos elementos alfabéticos de diversas escritas, na sacralização das

religiões, dando asas à filosofia e incorporando-se enquanto Arte, em seu sentido técnico e midiático. Dispomos da *Imago*¹ para representar as coisas que nos rodeiam e para falar de nós, em uma operação na qual nos traçamos enquanto indivíduos, criando mídias (ou meios) para nos comunicarmos. Belting (2020) nos propõe “uma abordagem antropológica, extrapolando o âmbito artístico, para analisar a questão ‘O que é imagem?’”, indo além daquilo que conhecemos de imagem atribuída a Arte e a Mídia. Baitello Junior (2018) realiza um profundo estudo sobre as relações entre a imagem e os ambientes midiáticos, expondo, de modo poético, a contradição presente em toda mídia²: a capacidade de reunir proximidade e distância, intimidade e estranheza. Para ele, as cartas de amor seriam o registro da dilaceração, retratando o abismo do desespero e da separação, enquanto guardam, em seus códigos, uma única verdade, o desejo do toque e do beijo.

No entanto, nenhuma carta suplanta um beijo, com seu calor presencial e o sentimento de fusão com o outro. Mas também nenhum beijo suplanta uma carta, já que ela mistura recordações passadas e ânsias futuras, gerando em imagens interiores uma potência que supera qualquer dor da ausência e pode tornar decepcionante a própria presença (Baitello, 2018, p. 21).

O termo "imagem" é atualmente empregado como sinônimo de meios de comunicação ou daquilo que realiza a mediação comunicacional. No entanto, ao analisarmos mais profundamente, podemos perceber que a mídia surge muito antes dos meios de comunicação, tendo início no próprio corpo.

Baitello (2014) apresenta conceitos interessantes que permitem compreender a evolução da mídia, que se inicia de forma primária no próprio corpo, por meio de suas projeções interiores, como a imaginação e os sonhos, formando nossos símbolos diretores. Essa mídia só passou a ser objeto de estudo científico na segunda metade do século XX, quando foi reconhecida como uma potencialidade temporal e espacial na comunicação. O corpo não precisa de um suporte externo para existir; é endógeno e complexo. A mídia secundária, por outro lado, caracteriza-se pela necessidade de um suporte externo e exógeno, marcando a aprendizagem humana em relação à natureza, o que lhe permitiu expandir-se para fora de si e deixar marcas no mundo, registrando sua presença. Isso permitiu nossa evolução enquanto seres sociais e culturais. Através desses sinais, conseguimos expressar e ritualizar, emitindo uma mensagem que será recebida por outro corpo, criando assim

uma presença na ausência e indo além da corporeidade. Os desenhos nas cavernas são um exemplo disso, e a própria etnografia se constrói por meio dessas mídias.

Só que a mídia secundária tem o limite de sua transportabilidade. O espaço ainda é um obstáculo. Por outro lado, ela introduz um fator temporal novo, inventando o tempo lento que é o tempo da escrita, da decodificação e da decifração. O tempo da imagem registrada sobre materiais permanentes permite o tempo lento da contemplação. [...] Nesse sentido, imagem e escrita são a própria negação da morte, pois a durabilidade dos materiais garante a sobrevivência dos registros ali deixados por corpos que não durarão tanto tempo (Baitello, 2014, p. 47).

Para superar as dificuldades de transporte, o ser humano foi adaptando e intervindo, ao longo da história, nos meios de transporte da informação, reduzindo os suportes da imagem. Podemos citar a invenção da imprensa de Gutenberg, que, nesse sentido, trouxe globalização e logística para o transporte da informação. Séculos depois, a descoberta da eletricidade marcou um novo processo na comunicação

No texto de Benjamin (1987), intitulado “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, podemos observar as tentativas filosóficas de situar as tendências da arte, da imagem e suas obras nas atuais condições de reprodução capitalista, diante do advento da fotografia e do cinema. Então se pressupõe aqui, a essência reprodutível da obra de arte, de seu passado, quando homens imitavam os grandes mestres, e seu presente, quando terceiros se apropriam das obras interessados no lucro. É possível perceber essa reprodução como um processo novo, sempre presente, como o aperfeiçoamento das técnicas reprodutivas, como por exemplo, a xilografia e a litografia, que trouxeram grandes transformações a imprensa. Essas etapas permitiram às artes gráficas se colocarem no mercado em massa, como novas formas de ilustrar a vida cotidiana. “Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho” (Benjamin, 1987 p. 167).

Essa rapidez imediata, que supera o espaço e o tempo, facilitou nossa aproximação através da informação sobre o outro e o mundo. Podemos pressupor que a instantaneidade dos aparelhos eliminou a necessidade do tempo de apreciação e contemplação, fundamentais nas mídias primárias. Com a invenção da fotografia, os originais (as obras de arte manuais) passaram por uma transformação,

uma desvalorização em relação a autenticidade, não apenas com relação a sua materialidade, mas todo o processo de testemunho e autoridade da coisa, sofrendo grande crise em sua tradição. Na medida em que a imagem se multiplica, substitui sua existência única pela serial, em que se aproxima do espectador e atualiza o objeto de reprodução. Logo em seguida surge o cinema trazendo um aspecto positivo, o acesso à imagem animada e a informação, e outro negativo, seu lado destrutivo do valor tradicional do patrimônio da cultura.

Esse fenômeno é especialmente tangível nos grandes filmes históricos, de Cleópatra e Bem Hur até Frederico, o Grande e Napoleão. E quando Abel Gance, em 1927, proclamou com entusiasmo: “Shakespeare, Rembrandt, Beethoven, farão cinema...Todas as lendas, todas as mitologias e todos os mitos, todos os fundadores de novas religiões, sim, todas as religiões...aguardam sua ressurreição luminosa, e os heróis se acotovelam às nossas portas”, ele nos convida, sem o saber talvez, para essa grade liquidação. (Benjamin, 1987, p. 169)

“É aqui que surge a mídia terciária, desde o telégrafo, o telefone, o rádio e a televisão até as atuais redes de computadores” (Baitello, 2014, p. 48), permitindo que ritualizemos nossos corpos em imagens ou escrita e, capturados pelo aparelho, possamos ser transportados para outro dispositivo, sendo então recebidos e apresentados aos outros. É nesse contexto que Benjamin (1987, p. 170) introduziu o conceito de aura, definida como “a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”. A aura refere-se à singularidade e à autenticidade da obra de arte, vinculada ao seu “aqui e agora”, ao seu enraizamento histórico e ritualístico. Com a reprodutibilidade técnica, essa aura se perde, pois a obra deixa de ser única e passa a circular em série, aproximando-se do espectador, mas esvaziando sua profundidade simbólica. A democratização do acesso às imagens, embora positivada em termos de difusão cultural, “dispersa o ritual contemplativo e acelera seu consumo, transformando-as em mercadorias visuais desprovidas de profundidade” (BENJAMIN, 1987, p. 167).

Sem o tempo de decifração e contemplação da imagem — necessários para alimentarmos nosso mundo interno — passamos a fazer o processo inverso, oferecendo nossos corpos como alimento para ela. Esse fenômeno midiático é descrito como “iconofagia” e surge no extenso trabalho do comunicador e pesquisador brasileiro Norval Baitello Junior (2014). Ele se refere ao excesso de projeção das imagens técnicas propagadas pela modernidade industrial e seus

efeitos. Para Baitello Junior (2014), a iconofagia ocorre quando as imagens deixam de representar uma relação entre o homem e seus símbolos, resultando na perda de valores referenciais cristalizados na cultura. Nesse processo, as imagens passam a "devorar" o humano e vice-versa, criando assim uma relação simbiótica.

A devoração se dará pelo compartilhamento contínuo da imagem como parte de um "*feed* perfeito" nas redes sociais, que reforça comportamentos narcisistas ao priorizar a validação externa por meio de curtidas e comentários. Além disso, essa superexposição da narrativa sobre saúde mental também pode intensificar quadros neuróticos, diante das pressões para se alcançar um padrão irreal de bem-estar emocional e felicidade.

Esse cenário repleto de déficit simbólico, cria o espaço propício o aparecimento exacerbado para a angústia, conforme descrita por Freud. Sem uma "aura" ou um pathos estrutural que ancora o sujeito em símbolos duráveis, o indivíduo vê-se exposto a uma ansiedade sem objeto definido, fruto de uma realidade inundada e carente de referências consolidadas. A angústia passa a emergir não apenas de conflitos intrapsíquicos, mas da própria imprevisibilidade e efemeridade das imagens que o cercam, impondo à clínica psicanalítica o desafio de resgatar espaços de reflexão e rituais de simbolização capazes de restabelecer um vínculo profundo entre o sujeito e sua história interna.

Assim, o presente estudo tem como objetivo, investigar por meio de uma revisão de literatura, as relações existentes entre a iconofagia proposta por Baitello Junior e a Psicanálise freudiana, de forma a contextualizá-las e por fim, possibilitar novas intervenções na contemporaneidade.

METODOLOGIA

O presente artigo foi elaborado por meio de revisão bibliográfica, que permitiu buscar e analisar o objeto através da revisão narrativa. Segundo Flor *et al.* (2021, p. 6) "As revisões narrativas são classificadas como uma análise de literatura que irá fornecer sínteses narrativas e compreensivas das informações que já foram publicadas". Desta forma, a pesquisa possibilitará a sistematização das informações e a abordagem de temas de diferentes áreas do conhecimento, como Teoria da Imagem, Iconofagia e Psicanálise.

Para identificarmos as relações existentes entre imagem, cultura visual, reprodução técnica e o conceito de Iconofagia o presente estudo utilizou o trabalho

de autores como Joly (1996), Koury (1999) e Manguel (2001), buscando compreender a terminologia da palavra ‘imagem’ e seus usos, e como elas nos convidam à contemplação dos símbolos e seu processo de “leitura” e tradução, podendo levar a elaboração de novas narrativas. As reflexões teóricas levantadas por Belting (2020) sobre a imagem, são fundamentais para compreender o que conhecemos como ‘imagem’ e como na sua história foram reproduzidas e interpretadas, evocando respostas e gatilhos emocionais e fazendo o objeto perder ou ganhar novos significados.

O estudo de Gebauer e Wulf (2004) pode fornecer fundamentos importantes sobre o modo como a mimese está presente nos rituais e produções culturais, influenciando a percepção simbólica dos objetos na cultura e afetando a percepção de corpo e identidade dos sujeitos, conectando conceitos antropológicos e estéticos às dinâmicas psíquicas. Com base nisso, será possível estabelecer paralelos com a teoria da reprodutibilidade técnica de Benjamin (1987) e a forma como a reprodução técnica da imagem transforma a experiência estética, esvaziando sua autenticidade simbólica e se tornando um produto cultural descartável e massificado. A partir desses referenciais teóricos, serão traçados paralelos com o conceito de Iconofagia de Baitello Junior (2014), explorando reflexões sobre Teoria da Imagem, Comunicação, Mídia e Cultura para examinar de que maneira o fenômeno iconofágico deturpa os conhecimentos científicos no campo da psicopatologia e contribui para a psicopatologização da vida.

O fenômeno iconofágico será analisado em relação à Psicanálise por meio do estudo dos textos *As neuropsicoses de defesa* (1894), *Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a “neurose de angústia”* (1895) de Sigmund Freud. Esses materiais fornecerão hipóteses sobre a exploração dos rituais na formação de normas sociais e culturais, o conflito entre os desejos e as repressões impostas pelo processo cultural, além do modo como os indivíduos, ao fazerem parte de uma massa, perdem parte de sua individualidade para se conectarem por meio de identificações comuns. Os estudos de Corrêa (2022), Capoulade; Pereira (2020) e Granado (2011) auxiliarão na problematização sobre os danos causados pelo efeito iconofágico na prática da Psicanálise, objetivo central desse projeto.

DESENVOLVIMENTO

A partir da fundamentação teórica e metodológica apresentada, os resultados da análise revelam que a comunicação impulsionada pela tecnologia levou a humanidade, no início do século XXI, ao aparecimento da era digital e das redes sociais, tornando essas plataformas uma parte integrante da vida cotidiana de bilhões de pessoas ao redor do planeta. Aplicativos como Facebook, Instagram, Twitter e TikTok não apenas alcançaram muitos usuários, mas também facilitaram os processos de comunicação e compartilhamento de informações. A era digital tem testemunhado a proliferação sem precedentes de imagens nas plataformas sociais, especialmente após o isolamento provocado pela pandemia de COVID-19 em 2020, abordando diversos temas, incluindo aqueles relacionados à integridade do sujeito. Esse fenômeno tem transformado a maneira como informações complexas são disseminadas e consumidas pelos usuários. No entanto, esse cenário também passou a chamar a atenção dos profissionais de saúde, especialmente dos psicólogos, devido à forma como afeta e molda nossa percepção, a elaboração da realidade e o modo como nos comportamos diante do processo psicoterapêutico. Isso nos leva a problematizar os desafios a serem enfrentados e considerados no campo de estudo da metapsicologia¹ (Capoulade; Pereira, 2020).

Podemos pressupor que os suportes técnico-digitais, ao projetarem imagens, têm causado superexposição e saturação por meio da repetição excessiva, removendo sua originalidade, bem como seus símbolos diretores. Vazias, essas imagens vagam até encontrarem na corporeidade sua sobrevivência, retroalimentando-se. O preço a ser pago em prol da ritualização da existência fixada nas imagens sugere que estamos nos afastando e abandonando nossas experiências físicas e corporais em favor de representações visuais, sedando-nos. Baitello Junior (2014) refere-se a esse processo como “estar sentado diante da Vida” no decorrer do desenvolvimento civilizatório da cultura, indicando a passividade e a inatividade física típicas do homem moderno diante das imagens em movimento, principalmente devido ao tempo que passamos hipnotizados diante das telas. Essa mudança na forma de experimentarmos o mundo, gerada por uma “crise da visibilidade”, aponta para a dificuldade de encontrarmos autenticidade e profundidade nas imagens consumidas, bem como para a deterioração da

¹ Parte da psicanálise que busca compreender os processos mentais mais profundos, indo além da psicologia tradicional, como os mecanismos inconscientes e a formação dos sintomas.

elaboração de signos e símbolos, muitos dos quais se tornam deturpados e corrosivos.

A compreensão das dinâmicas psíquicas propostas por Freud no final do século XIX e início do XX oferece uma base teórica relevante para analisar fenômenos socioculturais contemporâneos, como a iconofagia. A articulação entre inconsciente, defesa e sintoma permite pensar como processos históricos e sociais se inscrevem no psiquismo, produzindo efeitos subjetivos e coletivos. Os primeiros escritos psicanalíticos de Freud (1893-1907) fundamentam uma compreensão da dinâmica psíquica, especialmente no que se refere aos mecanismos de defesa, à formação de sintomas e à função simbólica. Este artigo analisou duas obras primárias, *As neuropsicoses de defesa* (1894), *Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a “neurose de angústia”* (1895), destacando passagens significativas e relacionando com trabalhos posteriores, *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *Inibição, sintoma e angústia* (1926) e *O futuro de uma ilusão* (1927).

Em *As neuropsicoses de defesa*, Freud introduz a noção de um “montante de afeto” ou “soma de excitação” que se comporta como uma quantidade física, suscetível a deslocamento e descarga. Ele afirma:

Devemos distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que possui todas as características de uma quantidade — embora não tenhamos meios de medi-la —, algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga e que se propaga pelos traços mnêmicos das representações, mais ou menos como uma carga elétrica sobre as superfícies dos corpos. (Freud, 1894/2013, p. 39-40)

Essa concepção inaugura a perspectiva da psicanálise, segundo a qual os sintomas não são arbitrários, mas formações de compromisso que visam lidar com representações incompatíveis. A partir disso, compreende-se que a repressão não elimina a representação, mas a desloca, gerando formações substitutivas². A “crise da visibilidade” (Baitello Jr., 2014) pode ser compreendida como efeito da compulsão à repetição³, conceito freudiano que descreve a tendência do psiquismo a reinscrever experiências não elaboradas. Assim as imagens retornam sob novas

² Expressões simbólicas que surgem no lugar de conteúdos reprimidos, como sonhos, sintomas ou lapsos.

³ Tendência inconsciente de reviver situações dolorosas ou traumáticas, mesmo sem perceber, como tentativa de elaboração.

formas, a saturação imagética revela a tentativa incessante de fixar a experiência em imagens, denunciando a dificuldade contemporânea de simbolização, deslocando a vivência corporal para representações visuais que, paradoxalmente, nos sedam.

Já no texto intitulado Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a “neurose de angústia”, Freud descreve um quadro clínico em que a excitação sexual somática não encontra elaboração psíquica adequada, sendo “A neurose de angústia é o resultado de todos os fatores que impedem a elaboração psíquica da excitação sexual somática” (Freud, 1895/2013, p. 62). Essa falha de simbolização leva a descargas inadequadas, produzindo sintomas ansiosos, Freud ainda observa que a abstinência deliberada pode ser um fator etiológico. Esse raciocínio pode ser ampliado, a fim de compreender estados de hiperconectividade e saturação imagética, nos quais a excitação não encontra vias simbólicas, resultando em angústia difusa.

Essa discussão pode ser enriquecida com as reformulações realizadas por Freud posteriormente, especialmente em Inibição, sintoma e angústia (1926), quando Freud introduz a noção de angústia-sinal, ao dizer que, “A angústia é um sinal do Eu, advertindo contra um perigo” (Freud, 1926/2013, p. 64). Esse pressuposto nos permite pensar as notificações e alertas digitais como equivalentes contemporâneos da angústia-sinal, mantendo o sujeito em estado de vigilância e levando à adoção de comportamentos defensivos, como a checagem compulsiva das redes. Freud também observou que a inibição pode ser uma renúncia funcional para evitar a angústia:

A inibição tem uma relação especial com a função e não significa necessariamente algo patológico, pode-se também chamar de inibição a restrição normal de uma função. Já o sintoma indica a existência de um processo patológico. Portanto, também uma inibição pode ser um sintoma. A linguagem corrente fala de inibição quando há uma simples diminuição da função, e de sintoma quando se verifica uma inusitada alteração dela ou uma nova manifestação. [...] Como a inibição é tão ligada conceitualmente à função, pode-se ter a ideia de investigar as diversas funções do Eu para ver de que formas se manifesta seu distúrbio em cada uma das afecções neuróticas. [...] Várias inibições são claramente renúncias à função, pois o exercício desta produziria angústia (Freud, 1926/2013, *passim*, p. 10-11).

Podemos então compreender a distinção conceitual entre inibição e sintoma no campo da psicanálise, especialmente no contexto das funções do Eu. A inibição é como uma restrição funcional que não implica necessariamente em patologia, podendo representar uma adaptação ou defesa frente à angústia. Por estar relacionada à função, a inibição pode ser vista como uma renúncia consciente ou inconsciente ao exercício de determinada atividade, quando esta, se torna fonte de sofrimento psíquico. Já o sintoma, por

sua vez, se caracterizaria como uma manifestação patológica, indicando a presença de um conflito inconsciente que se expressa por meio de uma alteração inesperada ou de nova da função. Assim, Freud propôs que se investiguem as diversas funções do Eu, como a memória, o pensamento, a fala e a ação, para compreender como os distúrbios se expressam nas diferentes doenças neuróticas, revelando que muitas inibições são, na verdade, estratégias defensivas do Eu para evitar o desprazer ou a angústia. Essa ideia dialoga com a passividade corporal descrita por Baitello Jr. (2014), indicando que a substituição da experiência física por interações mediadas por telas pode ser compreendida como uma forma de inibição funcional.

Por fim, em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud analisa a função cultural das crenças como defesa contra a angústia:

Assim como para o conjunto da humanidade, também para o indivíduo é difícil suportar a existência. A cultura de que ele participa lhe impõe certo grau de privação, e as demais pessoas lhe trazem alguma medida de sofrimento [...] A consequência dessa situação teria de ser um estado constante de expectativa angustiada e uma severa afronta ao narcisismo natural (Freud, 1927/2013, p. 199-200).

De modo análogo, as redes sociais se sustentam na promessa de satisfação de desejos fundamentais, como aceitação e controle, mas, assim como as ilusões religiosas, não eliminam a angústia, apenas a deslocam para novas formas de dependência e ritualização através das imagens. Nesse contexto, torna-se importante considerarmos o conceito de identificação⁴ como chave para compreender os vínculos sociais mediados pelas tecnologias digitais. Nas redes sociais, essa forma primária de vínculo é reatualizada constantemente, com os sujeitos se identificando com influenciadores, avatares e imagens idealizadas. Vale também destacar a ambivalência da identificação, pois:

Ouvimos que a identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva; nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto. (Freud, 1921/2013, p. 48)

Essa ambivalência é visível na oscilação entre admiração e rivalidade que permeia as interações digitais, especialmente em contextos de comparação social. Além disso, esse mecanismo pode explicar como a incorporação inconsciente de modelos idealizados nas redes contribui para a formação de sintomas psíquicos, como ansiedade e distúrbios de

⁴ Definida por Freud como “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa”, sendo um processo psíquico fundamental na constituição dos vínculos sociais. Freud destaca sua ambivalência — podendo expressar tanto ternura quanto desejo de eliminação — e sua função na formação de sintomas, quando o Eu adota características do objeto.”

imagem corporal. Esse pressuposto nos permite pensar nos vínculos digitais como tentativas de contenção da agressividade, mas que, ao mesmo tempo, podem reforçar dependências simbólicas e fragilizar a autonomia subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise teórica realizada, observa-se que a iconofagia, enquanto fenômeno contemporâneo, não apenas transforma a relação do sujeito com as imagens, mas também interfere diretamente na constituição dos vínculos sociais e na elaboração simbólica. A articulação entre os conceitos psicanalíticos freudianos e os estudos sobre imagem e mídia permite compreender como a saturação imagética pode gerar sintomas psíquicos, como angústia difusa, inibição funcional e compulsão à repetição. A metodologia adotada, baseada em revisão narrativa, revelou-se eficaz para integrar diferentes campos do saber, como comunicação, estética, antropologia e psicanálise, oferecendo subsídios para pensar intervenções clínicas que favoreçam a ressignificação da experiência corporal e simbólica. Assim, conclui-se que este estudo contribui para o aprofundamento das discussões sobre os efeitos da iconofagia e da cultura digital na subjetividade e aponta para a necessidade de práticas que promovam espaços de escuta, contemplação e elaboração simbólica frente ao excesso imagético da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. **Revista Concinnitas**, [S.l.], v. 2, n. 8, p. 64-78, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/55319>.
- CAPOULADE, Francisco; PEREIRA, Mário Eduardo C. Desafios colocados para a clínica psicanalítica (e seu futuro) no contexto da PANDEMIA DE covid-19: Reflexões a partir de uma experiência clínica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 534-548, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/WbtCvSVsHbMJPWxMjyPbTcG/>.
- CORRÊA, Clara M. N.; FERRARI, Ilka F. Olhar para o mundo das imagens: Uma leitura psicanalítica. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 54.1, p. 89-109, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382022000100004&script=sci_arttext.
- FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894). In: FREUD, S. **Obras completas: 1893–1899**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Sobre os motivos para separar da neurastenia um complexo de sintomas, a "neurose de angústia" (1895). In: FREUD, S. **Obras completas: 1893–1899**, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: FREUD, S. **Obras completas: 1926–1930**, v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: FREUD, S. **Obras completas: 1926–1930**, v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. **Obras completas: 1920–1923**, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na Cultura: Agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.

GRANADO, Laura C. **Psicoterapia Psicanalítica da fobia: o uso de imagens em um estudo de caso**. 2011. 109 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-22072011-161704/publico/granado_do_parcial.pdf.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

JUNIOR, Norval Baitello. **A era da iconofagia: Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

JUNIOR, Norval Baitello. **A carta, o abismo, o beijo: Os ambientes de imagens entre o artístico e o midiático**. São Paulo: Paulus, 2018.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e narrativa – ou, existe um discurso da imagem. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 59-68, dez. 1999.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: Uma história de amor e ódio**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.